

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**  
**CURSO DE PSICOLOGIA**

ISABELLA DESCAGNI MORELLI

**REESCREVENDO A HISTÓRIA DAS COMUNIDADES E DOS INDIVÍDUOS POR  
MEIO DAS INTERAÇÕES SOLIDÁRIAS**

**SÃO PAULO**  
**2024**

ISABELLA DESCAGNI MORELLI

**REESCREVENDO A HISTÓRIA DAS COMUNIDADES E DOS INDIVÍDUOS POR  
MEIO DAS INTERAÇÕES SOLIDÁRIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Andréia De Conto Garbin.

São Paulo

2024

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer à minha família, que sempre me apoiou ao longo dos meus estudos e da minha trajetória de profissionalização. A paciência, o encorajamento e o suporte constante foram fundamentais para que eu pudesse alcançar este importante marco na minha vida acadêmica.

Além disso, sou grata à minha orientadora, Andréia Garbin, cuja orientação e direcionamento foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Sua dedicação, sabedoria e disponibilidade para compartilhar seu conhecimento foram determinantes para a conclusão deste Trabalho de Conclusão de Curso. Muito obrigada!

MORELLI, Isabella Descagni. **Reescrevendo a História das Comunidades e dos Indivíduos por meio das Interações Solidárias.** Trabalho de conclusão de curso de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2024.

## RESUMO

**Introdução:** a situação de vulnerabilidade social está presente não apenas no Brasil, mas em diversas outras sociedades no mundo. Ela escancara a desigualdade social e afeta os sujeitos de forma multidimensional. A Economia solidária é uma das alternativas que têm conseguido diminuir os efeitos negativos dessa realidade e trazer dignidade aos indivíduos. **Objetivos:** compreender as repercussões das ações de uma cooperativa em uma comunidade em situação de vulnerabilidade. **Metodologia:** pesquisa bibliográfica e documental com o levantamento de estudos e pesquisas referentes ao tema, bem como análise de vídeos sobre a história e a vivência em cooperativa. **Análise dos resultados:** observação de aspectos relevantes sobre a sustentabilidade e o retorno para a comunidade, do resgate da subjetividade do indivíduo e a importância da capacitação na implantação da cooperativa por meio da análise das cooperativas Revolusolar, Cooperart-Poty e Mulheres a Frente. **Considerações finais:** houve um impacto positivo na vida psicossocial dos indivíduos e da comunidade, após a implementação de uma cooperativa.

**Palavras chaves:** Vulnerabilidade Social; Economia Solidária; Aspectos Psicossociais; Cooperativas.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
1.1 Economia Solidária .....	7
1.2 Cooperativas .....	10
1.3 Cooperativas no Brasil hoje .....	11
1.4. A vivência na Economia Solidária e seus aspectos psicossociais .....	12
1.5 Vivência do sujeito na Economia Solidária .....	13
<b>2. OBJETIVOS .....</b>	<b>15</b>
2. 1 Objetivo geral: .....	15
2.2 Objetivo específico: .....	15
<b>3. MÉTODO .....</b>	<b>16</b>
<b>4. ANÁLISE .....</b>	<b>21</b>
4.1 Cooperativa como resposta a um problema .....	21
4.2 Importância da capacitação para o desenvolvimento e implantação .....	23
4.3 A subjetividade produzida pela experiência do cooperativismo .....	25
4.4. Cooperativa e sustentabilidade .....	28
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>33</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é analisar a economia solidária e os aspectos psicossociais em comunidades de vulnerabilidade social.

Recentemente, fiz uma viagem a Moçambique, o sétimo país mais pobre do mundo, segundo a ONU, 2023, com um PIB per capita de US\$1.293, localizado no mapa abaixo:

Figura 1 – Mapa-múndi - continente africano – localização Moçambique



Fonte: Unilab, 2012

Integrei um projeto de desenvolvimento social criado num vilarejo chamado Calanga e na Praia do Bilene vinculado à empresa de pecuária Holy Fish, que produz tilápias de forma sustentável, gerando empregos e maior oferta de alimentos no local. Nesses dias de viagem, realizamos diversas visitas aos moradores sendo possível compreender um pouco da realidade e da pobreza moçambicana.

A maioria das pessoas que eu conheci eram analfabetas e desempregadas. O sustento vinha da própria "maxamba" (o nome que usado para propriedade rural ou horta) do seu quintal. Percebi também muitas crianças e adultos com os olhos amarelados. A culinária é baseada em poucos ingredientes: farinha, mandioca, arroz,

coco e amendoim, colaborando ainda mais com a desnutrição presente, uma vez que não há muita variedade de nutrientes na alimentação.

Somado a esse cenário constatei que as políticas públicas adotadas pelo governo após a independência do país, em 1975, não são suficientes para garantir a educação e saúde à população (Baloi, 2018). Além disso, apesar do país se constituir em uma república presidencialista apresenta um governo autoritário, com restrições à liberdade de expressão. Segundo o Instituto para a Comunicação Social da África Austral (MISA, na sigla em inglês), em seu relatório sobre o estado das liberdades de imprensa em 2019 e 2020: "A corrupção generalizada e a tendência ao autoritarismo do Estado, marcam o contexto global sob o qual as liberdades de imprensa e de expressão têm vindo a ser objecto de sevícias." (MISA, 2018, p. 3).

Ao me deparar com essa realidade e o sofrimento do povo moçambicano, percebi como os aspectos psicossociais de uma comunidade de vulnerabilidade são afetados e como a intervenção com um projeto ou política pública como a economia solidária poderia trazer dignidade e mudança de vida às pessoas.

Ampliando a minha experiência e pensando em comunidades em situação de vulnerabilidade no geral, o tema a ser tratado é relevante de um ponto de vista social. Além disso, o tema vulnerabilidade social é pouco explorado pela Psicologia, sendo extremamente relevante para o cenário brasileiro, haja vista a multiplicidade de fatores que envolvem esse conceito. (Scott, 2018, p.610).

Além disso, segundo o chefe das Nações Unidas, António Guterres, em 2023: "os direitos humanos têm a ver com a dignidade e o valor da pessoa humana e expandem os horizontes da esperança, ampliam os limites do possível e liberam o melhor" de cada um e do mundo" (Guterres, 2023).

Portanto, todos têm direito de viver com dignidade, independente de sua condição socioeconômica e o tema trata de uma possibilidade de promover justiça social ajudando a reduzir as desigualdades. Entender melhor como as sociedades em situação de vulnerabilidade podem ser afetadas positivamente por um movimento

como a Economia solidária abre espaço para o empoderamento de pessoas marginalizadas, bem como sua inclusão social.

Início o trabalho abordando no primeiro capítulo sobre a Economia Solidária, que se trata de conjunto de iniciativas que, a partir da associação livre e democrática dos trabalhadores, visa ganho econômico e benefícios como qualidade de vida, reconhecimento e participação cidadã (Gaiger, 2009).

No segundo capítulo, apresento o método utilizado, juntamente com os vídeos que foram utilizados para entender a vida na cooperativa e aspectos psicossociais envolvidos, demonstrando a relevância desse tipo de dispositivo para pessoas em situação de vulnerabilidade.

Considera-se, então, que há infinitas condições de risco proporcionadas pela vivência em vulnerabilidade social que afetam o desenvolvimento do referido público, fatores ligados à falta de alimentação, educação e relações familiares fragilizadas, contribuindo para o surgimento de problemáticas no campo físico, psíquico e/ou social e, portanto, a iminência de violação de seus direitos. (Silva, 2019, p. 4).

Por fim, concluirei explanando sobre como a economia solidária pode auxiliar no processo criativo de comunidades em situação de vulnerabilidade, afetando positivamente, a condição psicossocial dos sujeitos.

## **1.1 Economia Solidária**

No modo de produção contemporâneo capitalista, há uma constante competição na economia em que os ganhadores acumulam vantagens e os perdedores acumulam desvantagens, de acordo com Paul Singer (2002). Desse modo, o autor considera que o capitalismo produz uma desigualdade crescente, e para que tivéssemos uma sociedade em que predominasse a igualdade entre todos os seus membros, seria preciso que a economia fosse solidária ao invés de competitiva. Isso significa que os participantes na atividade econômica deveriam cooperar entre si em vez de competir.



Singer (2002) propõe que haja solidariedade na economia, para tanto, precisa haver organização igualitariamente por meio de uma associação entre os indivíduos com o objetivo de produzir, comerciar, consumir ou poupar, fazendo então com que iguais se associem, e não os desiguais. Para o autor, a economia solidária é compreendida como:

Nós costumamos definir economia solidária como um modo de produção que se caracteriza pela igualdade. Pela igualdade de direitos, os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles – essa é a característica central. E a autogestão, ou seja, os empreendimentos de economia solidária são geridos pelos próprios trabalhadores coletivamente de forma inteiramente democrática, quer dizer, cada sócio, cada membro do empreendimento tem direito a um voto. (Singer, 2008, p. 289)

Andrada e Estevez (2020), consideram que a Economia Solidária é uma economia dos trabalhadores em que os mesmos controlam e governam os meios de produção dessa economia, numa lógica de identidade e união, sendo todos sócios e pensando no coletivo. Além disso, os autores estabelecem algumas características basilares neste processo organizativo dos trabalhadores, dentre eles: o ato cooperativo, a própria atividade solidária que as pessoas se associam para realizar e o fato de os empreendimentos na Economia Solidária não terem fins de lucro, mas sim uma finalidade econômica, já que acima de tudo associações e cooperativas são sociedades de pessoas.

Segundo Singer (2002), a economia solidária surgiu como reação ao empobrecimento dos artesãos durante a Revolução Industrial na Grã-Bretanha, onde a exploração desenfreada nas fábricas ameaçava a reprodução biológica do proletariado. No início do século XIX, Robert Owen propôs ao governo britânico a criação de Aldeias Cooperativas, nas quais os pobres poderiam trabalhar na terra e em indústrias, produzindo sua própria subsistência. Owen acreditava que essa abordagem levaria a uma economia de recursos, reinserindo os desempregados na produção. A ideia foi implementada na primeira cooperativa owenista liderada por George Mudie, um grupo de jornalistas e gráficos em Londres.

A partir desse momento, começa um movimento do cooperativismo de consumo e instaurações de princípios básicos que hoje norteiam o cooperativismo e a economia solidária como ela é.

Entretanto, no fim do século XX, à medida que o movimento operário avançou e foi acentuado após a segunda guerra mundial, houve um aumento do desinteresse da economia solidária, já que o movimento começou a defender seus direitos conquistados e buscou sua ampliação. Isso mudou a partir da segunda metade dos anos 1970, em que o desemprego ficou crescente, provocando uma desindustrialização dos países, eliminando muitos postos de trabalho (Singer, 2002).

Assim, a economia solidária ressurgiu não como apenas uma resposta às contradições do capitalismo, mas como algo além, uma alternativa superior, tornando-se um modo de produção intersticial, inserido no capitalismo em função das lacunas por ele deixado.

Já no Brasil, Singer (2002) aborda que o cooperativismo se inicia no início do século XX introduzido por imigrantes europeus, manifestando-se principalmente em cooperativas de consumo urbanas e agrícolas rurais. As cooperativas de consumo visavam proteger os trabalhadores dos aumentos de preços, mas enfrentavam declínio com a ascensão das grandes redes de hipermercados.

Nas décadas de 1980 e 1990, a economia solidária ressurgiu no país devido à crise social, assumindo predominantemente a forma de cooperativas autogestionárias. Além disso, as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs), vinculadas a instituições universitárias, desempenham um papel crucial ao fornecer formação em cooperativismo e economia solidária no país, além de apoio técnico, logístico e jurídico para grupos comunitários que buscam empreendimentos autogestionários.

Atualmente, as cooperativas e outros empreendimentos da economia solidária no Brasil possuem o apoio financeiro não apenas de políticas públicas, mas conta muito

com instituições do terceiro setor, segundo Souza (2011). Apesar de possibilitar sua existência no país, devido a isso, o autor pontua que:

Grande parte dos empreendimentos econômicos solidários ainda é marcada pela dependência de apoio e de recursos externos, provenientes de órgãos públicos, ONGs, entidades sindicais, universitárias e eclesiais. Também em maioria apresentam: defasagem e deficiências tecnológicas – sobretudo nas chamadas fábricas recuperadas –, descapitalização e escassez de recursos, relativa baixa qualificação profissional dos associados e uso intensivo e exaustivo da mão de obra envolvida. (Souza, 2011, p. 179)

## **1.2 Cooperativas**

O valor central da economia solidária é o trabalho e não o lucro. O empreendimento solidário busca alcançar a quantidade e a qualidade de produtos ou serviços que satisfaçam as necessidades sociais, priorizando esse propósito em vez de simplesmente buscar a maximização do lucro, segundo Guareschi e Veronese (2009). Além disso, o autor sustenta que a economia solidária, possui diversas formas organizacionais, pode se organizar em: cooperativas, associações, grupos informais e outros modelos que cumpram com esse objetivo.

Cooperativas são empreendimentos coletivos e seus indivíduos são cooperadores em uma estrutura interna horizontal com o mesmo poder de decisão, segundo Caio Momesso (2021), economista e mestre em Administração Pública e Governo. Ele explica que há 3 tipos de cooperativas: prestação de serviço, de consumo, de crédito de trabalho e as cooperativas sociais, que objetivam o trabalho de sujeitos excluídos do mercado.

Vale também ressaltar que a construção de práticas solidárias na produção e no consumo incorpora à economia elementos como reciprocidade e fortalecimento dos laços sociais. Isso contribui para consolidar o papel da economia solidária no fomento de atividades econômicas e na geração de renda com base em princípios de justiça social e responsabilidade ambiental.

A importância do cooperativismo hoje é explicada por Miguelangelo (2010) evidenciando que por meio de cooperativas, é possível alterar comportamentos, atuar com outra racionalidade e mudar atitudes, ações e posturas. Isso porque:

O desenvolvimento econômico e social pode também ser entendido como forma de promover melhores condições de vida para a população" O cooperativismo e seu papel no processo de desenvolvimento local: experiências no médio norte de Mato Grosso. (Gianezini, 2010, p. 38)

Esse fato é muito evidente ao estudar e entender como as cooperativas afetam a vida de seus cooperados. No artigo, "Experiência da vida de cooperativa: reflexões psicossociais sobre interações solidárias", os autores Andrada, Esteves y Svartman (2010) comentam sobre uma cooperativa criada para atendimento clínico com psicólogos e mostra algumas características marcantes desse ambiente. Eles comentam que a atmosfera predominante na cultura do dia a dia era marcada por uma "amizade política" que abraçava a consideração e o respeito por diversas opiniões. Mesmo durante debates intensos, as tensões eram mediadas e resolvidas de alguma forma dentro da dinâmica do grupo, sem idealizações. É perceptível como a lógica cooperativista contrasta com a lógica capitalista da competitividade, sendo essa primeira lógica, benéfica em termos não apenas financeiros, mas de saúde mental e qualidade de vida.

### **1.3 Cooperativas no Brasil hoje**

As cooperativas hoje no Brasil estão em um déficit de desenvolvimento se comparado com outras empresas, devido ao pouco investimento. Dependem muito da ajuda do terceiro setor, não possuindo recursos suficientes. Assim, um grande problema enfrentado é sua "desincubação", ou seja, a possibilidade das cooperativas serem independentes de um órgão ou instituição e consiga ser rentável sozinha (Souza, 2011).

Além disso, segundo o autor, há outro desafio relacionado ao propósito da cooperativa. Muitos sujeitos não engajam na cooperativa com o intuito de ter autonomia, mas sim devido a uma alternativa de trabalho provisória, o que dificulta o

trabalho coletivo, já que seu viés sendo seu trabalho individual para subsistência. Isso ocorre, devido ao fato que muitos empreendimentos surgem de lideranças externas, mas que muitas vezes não conseguem passar a importância da coletividade e a autonomia que uma cooperativa pode garantir.

Em um artigo com o objetivo de discutir as condições de funcionamento das cooperativas, Svartman et al. (2010) concluíram que a viabilidade de um empreendimento autogestionário apoia-se no tripé: possibilidade de geração de trabalho e renda adequada, capacidade de gestão administrativa e financeira e existência de condições psicossociais que permitam a realização da autogestão e participação dos sócios. Os autores relatam que esses três aspectos podem se relacionar de diferentes formas em cada empreendimento, mas que o equilíbrio entre os três é fundamental.

#### **1.4. A vivência na Economia Solidária e seus aspectos psicossociais**

Antes de abordar sobre a vivência do indivíduo em situação de vulnerabilidade que foi inserido no trabalho por meio da Economia Solidária, a fim de entender os efeitos psicossociais nele causados, é preciso entender sua identidade.

A identidade é "resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, biológico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem a instituição" (Dubar, 2005, p.136).

Além disso, os sujeitos constroem suas relações de afetos e realizam significações por meio de suas vivências, sendo cada sujeito único e com uma história de vida diferente. Durante a existência, o indivíduo possui recursos interiores que o permitem lidar com dificuldades e os direciona para continuar existindo (Campos e Cunha, 2016). Ou seja, possuir um ambiente saudável, bem como vivências que garantem estruturas para lidar com adversidades da vida é muito importante para criação de uma identidade.

Acontece que, pessoas em situação de vulnerabilidade, como pessoas em situação de rua, muitas vezes não possuem essas oportunidades, em primeiro lugar, por não garantir o seu sustento ou não ser incluído no sistema social, fator que contribui para valorização e autorrealização, garantindo bem-estar psicológico. (Campos e Cunha, 2016).

Segundo Schlithler, Ceron e Gonçalves (2010), às famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica, grande porcentagem das famílias brasileiras, possuem problemas de subsistência que geralmente estão associadas ao: desemprego, problemas habitacionais e de saneamento, baixa escolaridade, famílias com maior número de crianças ou dependentes (como idosos e doentes), dificuldades de acesso a recursos comunitários, presença de situações de violência. Os autores concluem que esses fatores expõem as famílias à vulnerabilidade social, de saúde física e mental.

Portanto, a situação de vulnerabilidade coloca o indivíduo em uma situação catastrófica, como aborda Guareschi (2000), explicando a ordem social que domina a pobreza, fome, miséria e exploração. Tal ordem deve ser questionada quanto às suas condições históricas de produção e reprodução, já que produz efeitos catastróficos na vida de centenas de milhares de pessoas e também efeitos simbólicos.

### **1.5 Vivência do sujeito na Economia Solidária**

A inserção de um sujeito em uma cooperativa é uma inserção desse sujeito no trabalho. Segunda, Veronese e Esteves (2011), o trabalho é essencial na formação identitária do indivíduo e em uma organização autogestionária, é possível criar um ambiente em que essa formação identitária seja construída em um coletivo forte, permitindo a singularização de cada um. Conforme os autores:

Dessa forma, assistimos à emergência de novas identidades em torno da posição de sócio trabalhador. Como todo processo complexo e relativamente novo, precisaremos acompanhar seu desenvolvimento, junto aos empreendimentos econômicos solidários, na esperança que caminhos de emancipação para os trabalhadores e trabalhadoras possam ser trilhados nessa construção. (Veronese e Esteves, p. 164, 2011).

Portanto, a criação de uma cooperativa em uma comunidade em situação de vulnerabilidade, é uma possibilidade para a reinserção do indivíduo no mercado de trabalho, o que é essencial no processo de resgatar sua dignidade e sua identidade.

## **2. OBJETIVOS**

### **2. 1 Objetivo geral:**

Este trabalho teve como propósito compreender as repercussões das ações de uma cooperativa em uma comunidade em situação de vulnerabilidade.

### **2.2 Objetivo específico:**

- a) Reconhecer as repercussões deste modelo organizativo cooperativo para as comunidades e cooperados;
- b) Identificar os desafios da implantação de cooperativas vinculadas à economia solidária.



### 3. MÉTODO

Neste trabalho utiliza-se uma pesquisa qualitativa, exploratória do tipo documental. A opção pela pesquisa qualitativa justifica-se pela natureza subjetiva e complexa do objeto de estudo, buscando compreender as nuances e significados inerentes ao fenômeno em questão.

Flick e cols. (2000) abordam sobre a pesquisa qualitativa e entendem a compreensão como essencial para o conhecimento. Além disso, os autores apontam esse tipo de pesquisa como a que prioriza o estudo das relações complexas ao invés de explicá-las por meio do isolamento de variáveis

A abordagem exploratória, por sua vez, é essencial para a identificação e entendimento das principais variáveis e conceitos envolvidos no tema, proporcionando uma visão abrangente e aprofundada do campo de estudo da Economia Solidária e Cooperativas.

Além disso, o método documental será empregado, incluindo artigos científicos, livros e documentos oficiais relacionados ao escopo da pesquisa.

A Análise Documental, numa perspectiva qualitativa, se configura em um procedimento que utiliza técnicas específicas para a apreensão e compreensão de variados tipos de documentos e que adota para tal cauteloso processo de seleção, coleta, análise e interpretação dos dados. (Junior, 2021, p.49)

A revisão bibliográfica foi conduzida sob a perspectiva da psicologia social, explorando conceitos e teorias que contribuem para uma compreensão aprofundada dos aspectos psicossociais envolvidos no fenômeno das cooperativas em comunidades de vulnerabilidade. Essa abordagem metodológica proporcionou uma base sólida para a investigação, permitindo uma análise crítica e reflexiva acerca do tema.

A análise foi feita baseada nos vídeos e em conteúdos relevantes para o tema. A metodologia da análise foi a análise hermenêutica compreendida como:

A maneira pela qual interpretamos algo no movimento que interessa e constitui o ser humano, de formar-se e educar-se. A interpretação decorre de um texto, um gesto, uma atitude, uma palavra de abertura e relação com o outro, que é capaz de se comunicar, de interagir. (Sidi, 2017, p. 1945)

Dessa forma, foi realizado um estudo sobre o funcionamento de cooperativas por meio de vídeos pesquisados na internet a partir das palavras-chaves: "cooperativas", "Brasil" e "comunidade". Dos vídeos encontrados, dentre reportagens, documentários, entrevistas e vídeos informativos, foram selecionados quatro: um documentário sobre uma cooperativa de energia no contexto urbano, 2 reportagens sobre cooperativas de artesanato e um vídeo de uma entrevista sobre uma cooperativa voltada para o âmbito rural. A seleção foi feita priorizando diferentes contextos e cooperativas inseridas em comunidades. Todos os vídeos explicitam, na prática, como a cooperativa pode alterar os aspectos psicossociais de uma comunidade. Segue uma síntese dos vídeos selecionados:

### **Vídeo 1**



Documentário Energia que vem da favela. 2021. Print retirado do documentário em 13/05/2024, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ghK9HsebNA8>.

Documentário Energia que vem da favela: 1ª Cooperativa de energia solar em favelas do Brasil, veiculado em 2021 pela Revolusolar (a cooperativa em questão) no Youtube. O vídeo conta a trajetória dessa cooperativa que, em meio a grande crise de

energia na favela, surge como uma solução ecológica, e seus desdobramentos sociais, financeiros e de qualidade de vida para os moradores da comunidade.

## Vídeo 2



"Pólo cerâmico completa 15 anos de fundação". TV Cidade Verde, 2021. Print retirado da reportagem em 13/05/2024, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=acGdagyEbjA>.

Reportagem realizada pela TV Cidade Verde em Novembro de 2021, veiculada em televisão aberta e agora disponível no Youtube. A reportagem foi realizada em homenagem aos 15 anos de fundação do polo cerâmico do Poty Velho. Dentro desse polo cerâmico, há uma cooperativa, Cooperart-Poty, que é liderada por Raimunda Teixeira e a reportagem traz uma entrevista com ela, contando a experiência de participar e ter fundado uma cooperativa no local.

### Vídeo 3



"Programa Bom Gosto". TV Assembleia do Piauí, 2016. Print retirado da reportagem em 13/05/2024, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7K6PMVWDXXo>.

Reportagem realizada pelo programa Bom Gosto, da TV Assembleia do Piauí, pelo apresentador Sandro Abrantes que visita a cooperativa Cooperart-Poty e entrevista algumas de suas artesãs que contam como o produto é feito, a realidade e a trajetória da vida na cooperativa. O vídeo está disponível no Youtube, no canal Legislativo PI e foi publicado em 23 de fevereiro de 2016.

## Vídeo 4



"Bom dia Epitácio". Live realizada pelo Facebook, 2021. Print retirado da reportagem em 13/05/2024, disponível em [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=444347403570180](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=444347403570180).

Live realizada no Facebook pela Vereadora de Presidente Epitácio, SP, Mônica Ferraz juntamente com Kathia Nogima e Katia Mastroto, em 9 de fevereiro de 2021. A vereadora realizou uma entrevista acerca de uma cooperativa iniciada no meio rural de produtos produzidos com o descarte da tilápia. A cooperativa conta com cooperados diferentes, mas que juntos, realizam a manutenção da cooperativa.



## 4. ANÁLISE

Os documentários foram analisados a partir da articulação dos conteúdos comuns que atendem os objetivos desse estudo e organizados nos núcleos temáticos a seguir apresentados:

### 4.1 Cooperativa como resposta a um problema

A cooperativa Revolusolar é a primeira cooperativa de energia solar em favelas do Brasil. De início, observa-se uma demanda muito grande da melhora da questão da energia na favela.

Um dos embaixadores comunitários do projeto, Valdinei Medina confirma isso explicando que não apenas há uma péssima qualidade do serviço, mas também ele é muito caro:

Porque a gente paga muito caro pelo péssimo serviço de energia paga e paga caro porque aqui é cobrado por estimativa... Tem gente que morador que mora ele e a mãe, ou um casa, uma família com 3 ou 4 pessoas que paga até R\$500, R\$600 reais a conta de luz. (Medina, 2021, Energia que vem da favela, 2:13)

Valdinei ainda dá um exemplo de uma comunidade no Rio que, depois de chuvas, fica sem luz no morro inteiro. "Por exemplo, uma parte do Chapéu Mangueira, tá sem energia, há quanto tempo já... Se choveu forte, vento forte ou caiu uma árvore, falta luz para todo mundo." (Medina, 2021, Energia que vem da favela, 2:42).

A energia solar é uma solução financeira, ecológica e estrutural. Além disso, a cooperativa tem uma estratégia de atuação do desenvolvimento sustentável da comunidade por meio da energia solar, envolvendo a instalação dessa energia solar, a capacitação profissional e educação infantil ambiental. Ou seja, há um ciclo solar em que os instaladores fazem a instalação, mas também a manutenção das placas, envolvendo-se em oficinas educativas para crianças. Dessa forma, o projeto envolve grande parte da população local, a aproxima do debate da sustentabilidade, desenvolve a comunidade e gera emprego.

Neste sentido, Singer (2004), entende o desenvolvimento solidário desenvolvendo novas relações de produção em um processo sustentável de crescimento econômico. Considera que deve haver a preservação da natureza e reorganização dos recursos, favorecendo os marginalizados da produção social e permitindo que estes desfrutem dos resultados. Assim, é possível perceber como a cooperativa Revolusolar, se enquadra no que Paul Singer define como "desenvolvimento solidário", uma vez que visa o promove o desenvolvimento econômico de forma sustentável e a favor da comunidade em que está inserida.

A cooperativa enfrenta sempre desafios, não apenas em sua implantação, mas por ir contra ao sistema regente atual, Cruz (2010) considera que a economia solidária vai na direção oposta da economia vigente. Entretanto, as cooperativas têm se mostrado nos casos analisados, há um grande sucesso tanto na parte econômica, quanto na social.

A Revolusolar se inseriu na favela como a resolução de um problema energético e trazendo muitos outros benefícios para a comunidade. Da mesma forma, ocorre com a cooperativa Cooperart-Poty.

Já a cooperativa de Artesanato do Poty Velho envolve hoje mais de 30 mulheres, em um dos bairros mais antigas de Teresina, Piauí, tem uma longa história, já que é o encontro entre dois rios e possui matéria prima mais utilizada pelos artesãos: o barro. Até a década de 60, a argila tinha outra finalidade na comunidade, sendo a maior fonte de renda a agropecuária ou produção de tijolo. Atualmente, Poty Velho é conhecido mundialmente como um pólo cerâmico.

A Cooperart-Poty é liderada por Raimunda Teixeira, ou Raimundinha. Em uma entrevista para a TVCidadeVerde, ela explica como tudo começou. Raimunda conta que duas amigas a ensinaram em uma tarde comum o ofício do artesanato e "com o passar do tempo eu vi que era bem melhor do que carregar tijolo. A nova forma de trabalhar com argila atraiu mais pessoas a se tornarem artesãos no final dos anos 90".

A comunidade tinha como forma de sustento a hotelaria, sendo comum que as mulheres fizessem com a argila tijolos para construção. A cooperativa então, surge trazendo uma nova possibilidade de economia e subsídio, por meio do artesanato feito com a argila.

Com o passar do tempo, a cooperativa se organizou, por meio de sua líder, mas em um modelo autogestionário. A autogestão é um sistema de relações sociais que envolvem a produção das condições de existir do próprio coletivo, ou seja, é um modo de produção. (Faria, 2017)

Na reportagem realizada TVCidadeVerde, foram feitas diversas entrevistas com artesãos do polo cerâmico que fortalece a economia local e gera renda para mais de 280 famílias.

Percebeu-se também que na maioria dos casos, o artesanato é o sustento das moradias, sendo também um negócio familiar onde o pai, mãe e filhos trabalham. Dessa forma, é possível compreender como a cooperativa se tornou, de fato, parte de um novo modo de produção, que inclui os princípios da Economia Solidária.

#### **4.2 Importância da capacitação para o desenvolvimento e implantação**

Nas 3 cooperativas analisadas, há uma grande ênfase na importância da capacitação na sua construção e na manutenção do trabalho.

No caso da Revolusolar, antes de realizar a capacitação, foi feita uma seleção das famílias que estariam interessadas. Esse passo preliminar ao início da cooperativa, foi essencial para envolver as pessoas da comunidade. Segundo João Alderi Do Prado Diretor - Presidente Da Cooperativa Regional De Eletrificação Rural Do Alto Uruguai Ltda – Cereal: “O caráter social das cooperativas, a forma de organização e de decisão e o envolvimento com a comunidade local tornam as cooperativas um agente de desenvolvimento.” (Prado, 2002, p.1)



Portanto, essa garantia do envolvimento local facilita a implantação e aderência do programa. Na Revolusolar, isso foi percebido ao longo do processo pelo fundador.

O projeto foi desenvolvido, inicialmente, com a captação de parceiros que forneceram recursos monetários e o equipamento necessário. Conforme o desenvolvimento e atuação no projeto, o fundador percebeu a importância da comunidade cooperativa, de forma horizontal e democrática. Nesse ponto, é possível observar o princípio da Economia Solidária da autogestão, já mencionado anteriormente.

Criou-se uma assembleia com 37 famílias selecionadas, dentre 120 inscritas, em parceria com a concessionária parceira. Paralelamente a isso, foi feito o treinamento qualificado das pessoas para que pudessem ter as certificações devidas para trabalhar na cooperativa.

Por meio da capacitação das próprias pessoas da comunidade, gerou-se a possibilidade de implantação da cooperativa, pois havia uma mão de obra qualificada e também a aderência destes ao próprio projeto e aceitação da cooperativa pela comunidade. Assim, a própria população local ganhou um benefício, além da energia solar, que é a geração de emprego e renda de qualidade.

Na Cooperart-Poty sem a capacitação das mulheres o início da cooperativa seria impossível, já que nenhuma delas sabia fazer artesanato. Entretanto, 2 mulheres, hoje participantes da cooperativa, passaram por uma capacitação em 2004, por meio de uma parceria com o SEBRAE e a Fundação Ferraz. Por meio desse aprendizado, tudo começou e iniciou-se um novo modo de se relacionar com a argila local, possibilitando o surgimento da cooperativa.

Raimunda ainda explica que a cooperativa opera num sistema de produção, em que cada operada recebe o que faz, dentro do que é produzido, ficando 10% para a cooperativa. Esse valor é utilizado para a manutenção da cooperativa que oferece capacitação. No início do projeto, quase nenhuma das mulheres sabia mexer com

cerâmica, mas com a capacitação fornecida, elas hoje realizam um trabalho de alta qualidade.

A aquisição do conhecimento do artesanato foi o que mudou tudo. Depois disso, a cooperativa foi se estruturando utilizando-se da autogestão e se moldando conforme os princípios da Economia Solidária.

Além disso, é interessante perceber que, apesar de já dominar o artesanato, entendendo a importância da capacitação, muitas cooperadas continuam realizando cursos.

Em entrevista, Raimundinha conta que as cooperadas possuem cursos de capacitação de gestão dos recursos, para poderem administrar as vendas, produção e os produtos. Aqui é preciso destacar a importância da parceria com o SEBRAE, órgão importante que possibilita a capacitação de forma gratuita. “Não é só a questão do curso de fazer, de modelar (a argila), mas bem essa área de gestão. Porque não adianta você fazer um bom trabalho e na hora você não saber administrar.” (Raimunda, 2016, Programa Bom Gosto, 5:14)

Portanto, na cooperativa Cooperart-Poty a capacitação das cooperadas faz parte da cultura de participar da própria cooperativa, o que mantém a cooperativa funcional e dentro de um modelo econômico possível. Saber realizar o artesanato de forma competente e administrar seus recursos é parte do sustento da cooperativa por tantos anos como um modelo de produção eficiente.

#### **4.3 A subjetividade produzida pela experiência do cooperativismo**

O cooperativismo vai além de um modo de produção substitutivo para o atual, focado na economia. Ele atinge outras dimensões, sendo uma delas o resgate da individualidade e a produção de uma subjetividade.

A instalação de uma cooperativa num contexto com pessoas em situação de vulnerabilidade social ou baixa renda, altera aspectos psicossociais que vão além do olhar econômico.

O Programa Bom Gosto, da TV Assembleia do Piauí, fez uma visita na cooperativa Cooperart-Poty e entrevistou algumas de suas participantes. Dentre delas, o apresentador entrevistou também Raimunda, a líder, que contou sobre a importância da cooperativa na vida das mulheres. Ela conta que a tradição em Teresina é que os artesãos das famílias sejam os homens, pois é um ofício passado de pai para filho. Dessa forma, a maioria das cooperadas que se tornaram artesãs, trabalhavam carregando tijolos na olaria, ajudavam os pais na pesca ou eram donas de casa. A partir da capacitação já mencionada que possibilitou a troca de ofício, a cooperativa se estruturou. Raimunda ainda acrescenta:

Um dos maiores ganhos das mulheres através da produção da cerâmica, foi a questão da autoestima e da valorização da mulher... Elas podem ver o seu trabalho sendo reconhecido, e como eu gosto de dizer: elas estão fazendo e contando sua história através do barro. (Raimunda, 2016, Programa Bom Gosto, 2:07)

Emocionada, uma das cooperadas compartilha como se sente trabalhando na cooperativa:

Olha, a emoção é muito grande, principalmente quando chega gente de fora e diz: 'olha, essa peça está belíssima', dá parabéns para a gente. Então a gente fica com o ego lá em cima, a gente se sente recompensada. É muito bom ver o trabalho da gente sendo valorizado. (Cooperada da Cooperart-Poty, 2016, Programa Bom Gosto, 7:33)

Por meio dessa fala, é possível perceber que há uma criação de subjetividade e recuperação de autoestima e individualidade. Essas são mulheres que carregavam tijolos de argila como forma de sustento e hoje podem ver o seu trabalho como algo recompensador que as valoriza enquanto seres humanos e como mulheres.

Além disso, há um resgate da independência feminina por meio da produção de peças baseadas em suas vivências, na luta do povo e suas crenças. O produto feito por suas mãos representa sua história e, ao ver que a arte produzida é valorizada, a mulher também se sente valorizada.

No caso da Revolusolar, a cooperativa apresenta também um efeito psicossocial muito positivo para a comunidade. As pessoas realocadas no trabalho, sentem autonomia e protagonismo, sentindo-se donos do projeto. Suzi Farias, instaladora solar, realizou o curso de capacitação, fala sobre sua experiência:

Agora eu tenho a oportunidade de ser uma instaladora de placas solares, né. Eu tô lisonjeada e muito feliz, né, de ter tido essa oportunidade. Claro que eu seguia toda uma trajetória e hoje eu estou aqui me formando muito feliz e vou ser uma das instaladoras dessa usina que vai ser formada lá na comunidade Babilônia, a minha comunidade. (Farias, 2021, Energia que vem da favela, 12:50)

A participação na cooperativa, vai além da geração de emprego, mas atinge também uma sensação de pertencimento e propósito no que se faz, já que o trabalho é a geração de um bem maior na comunidade, algo que vai gerar qualidade de vida para outros, conforme já apontado por Andrada:

É para isso que chamamos a atenção: a criatividade, o lúdico em sua dimensão adulta, as comemorações, as diversas manifestações de cuidado e de atenção pelo outro encontram acolhida e também são reconhecidas como experiências fundamentais do mundo do trabalho. Esse é, sem dúvida, um potencial das interações solidárias, que pode beneficiar, sensivelmente, a expressão das subjetividades e a promoção da saúde no trabalho. Saúde e subjetividade, nesse contexto, talvez correspondam à alegria do convívio e ao orgulho do trabalho realizado. (Andrada, 2020, p.147)

Experiências que comumente não são vivenciadas no ambiente de trabalho, são trazidas por meio da cooperativa. Tanto na Revolusolar, como na Cooperart-Poty os cooperados têm a possibilidade de viver a criatividade citada por Andrada. Participar da cooperativa, quando se vive em uma comunidade, significa ressignificar o que se estava vivendo e ter uma nova chance. Se tem uma nova perspectiva do mundo do trabalho, em que a subjetividade de cada um é um benefício.

#### **4.4. Cooperativa e sustentabilidade**

Como já visto, um dos princípios da Economia Solidária é a sustentabilidade. Nos casos analisados, seja a instalação de placas solares ou a produção de artesanatos, há um retorno para a comunidade.

Como mencionado no tópico acima, a Revulusolar forneceu a capacitação de pessoas para a instalação das placas solares. Essa capacitação está inserida na metodologia do ciclo solar (Energia que vem da favela, 2016). Essa metodologia envolve o desenvolvimento sustentável da comunidade através da energia solar, por meio da instalação da energia solar, capacitação profissional e educação infantil ambiental. Nesse modelo, os instaladores fazem a instalação e manutenção das placas e também atuam em oficinas para as crianças, criando um espaço para aproximar a juventude e a própria comunidade do debate de sustentabilidade. Hans Rauschmayer, Sócio gerente Solarize, explica: "Essa metodologia acaba envolvendo, então, a população local em todas as fases do projeto com esse objetivo maior do desenvolvimento sustentável da comunidade através da energia solar." (Rauschmayer, 2021, Energia que vem da favela, 7:33).

Já na Cooperart-Poty o valor da sustentabilidade é intrínseco e, inclusive, auxilia no processo produtivo, sendo esse fato algo positivo para a cooperativa, o meio ambiente e as mulheres envolvidas. Uma das cooperadas, em entrevista para o Programa Bom Gosto, compartilha a importância da capacitação e utilização de materiais reutilizáveis para ela: "É muito importante a capacitação para nós, vem sempre somar à nossa habilidade. A gente, com o tempo, vai aprendendo a usar materiais simples, que iam para o mato..." (Cooperada da Cooperart-Poty, 2016, Programa Bom Gosto, 5:44)

Por meio dessa fala, fica claro o valor da sustentabilidade defendido pela economia solidária. Realizar seu artesanato com materiais que iam para o lixo, torna a cooperativa sustentável e diminui até os seus gastos de produção.

Três, Mazzioni e Magro (2022) afirmam como uma cooperativa que potencializa o desenvolvimento sustentável está cumprindo sua missão cooperativista, preocupando-se com o meio ambiente e a comunidade que está inserida. Nos casos observados, é exatamente o que acontece.

O modo cooperativo ainda vai além. Além do princípio da sustentabilidade trazer benefícios para a comunidade em que se vive, traz também para o indivíduo que o está praticando. Saber que está fazendo parte de um projeto que colabora com a qualidade de vida de sua comunidade, é um fator psicossocial que resgata a solidariedade do indivíduo, o ajudando a exercer sua subjetividade para com os outros e na sociedade.

O princípio da sustentabilidade também é muito presente no quarto vídeo assistido, que se enquadra no meio rural. Kathia Mastroto herdou tanques de tilápia após a morte de seu pai e percebeu que na hora de filetar a tilápia, havia um descarte muito grande do couro do peixe e iniciou-se um processo de desenvolvimento de cortume, ou seja, produção de couro e produtos a partir dessa matéria prima. A ideia é que, futuramente, esse couro seja usado para fazer artesanato.

Formou-se então uma cooperativa com 8 mulheres. Ela se organiza em uma cadeia fechada, em que cada uma das mulheres tem uma função no processo produtivo: criar os alevinos no tanque, ir para o abate, filetar o peixe de forma artesanal para não prejudicar o couro e depois ir para o cortume. Filetar, tirar o filé é um processo feito artesanalmente. Esse processo pode produzir diversos produtos - desde capa de celular até banco de carro. As cooperadas estão realizando cursos de capacitação para iniciar a produção artesanal.

A cooperativa tem sido reconhecida não apenas pelas cooperadas e pela sociedade, mas também pela vereadora, que faz a Live no vídeo assistido. A Vereadora da cidade Presidente Epitácio, SP, Mônica Ferraz, afirmou: "O artesanato é uma renda de economia, faz circular o dinheiro na nossa cidade, é fantástico. Tanto para nossa cidade quanto para o turismo". (Mônica Ferraz, 2021, Live no Facebook, 31:58)

Há um reconhecimento da vereadora de que a cooperativa é importante para o meio sustentável, para a economia, para o turismo e geração de empregos para a cidade. Um dos objetivos das cooperadas é o retorno que isso traz para a cidade, visando a sustentabilidade, transformando um resíduo num produto.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo buscou compreender como as cooperativas podem afetar o indivíduo e a sociedade em que está inserida, analisando não apenas a questão econômica e de reinserção do sujeito no mercado, mas abrangendo questões psicossociais envolvidas.

Por meio da análise realizada pelos vídeos apresentados, foi possível perceber como as cooperativas e a Economia Solidária têm um papel essencial na recolocação do indivíduo que vive em uma comunidade de vulnerabilidade como um todo.

A participação do cooperado na cooperativa, gera um envolvimento com a comunidade e com outros cooperados lá inseridos, trazendo uma nova possibilidade de enxergá-la. Pelos casos analisados, isso é ocorre por meio da capacitação, que permite o início da cooperativa e abre portas para uma nova forma de geração de renda.

Além disso, os achados da pesquisa revelam que a vivência na cooperativa vai além da questão econômica, resgatando a subjetividade do próprio sujeito, por meio da valorização de seu trabalho e propósito na realização deste.

O impacto para a comunidade e para o meio ambiente é também muito destacado, uma vez que o princípio da sustentabilidade é bastante praticado em todos os casos analisados.

Como contribuição do estudo, pode-se perceber a essencialidade da psicologia Economia Solidária, haja vista que essa nova forma de organização do trabalho, atinge o indivíduo e a comunidade de forma tão profunda. O papel da Psicologia aqui se destaca, pois visa o sujeito e seu bem-estar, bem como promove saúde mental dos cooperados, haja vista sua inserção em uma lógica de trabalho totalmente diferente da regente.



Além disso, a pesquisa contribui para ampliar o conhecimento e aprofundamento no tema da Economia Solidária, incentivando assim, novas experiências para implantação e vivências em cooperativas.

Entretanto, reconhece-se a limitação do presente estudo, já que este foi focado em 3 cooperativas e materiais. O Brasil possui diversas cooperativas, cada uma com uma história, desafios e vitórias. Por isso, é fundamental a continuação da pesquisa acerca desse tema, uma vez que traz tantos benefícios para os sujeitos envolvidos e para a comunidade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADA, Cris Fernandes; ESTEVES, Egeu Gómes; SVARTMAN, Bernardo Parodi. **Experiência da vida de cooperativa: reflexões psicossociais sobre interações solidárias.** *Otra Economía*, v. 13, n. 24, p. 136-151, 2020.

BALOI, Jochua Abrão. Políticas e Estratégias de Combate à Pobreza e de Promoção do Desenvolvimento em Moçambique: Elementos de Continuidade e Descontinuidade. **Revista Estudos de Políticas Públicas**, v. 4, n. 2, p. 203-214, 2018.

CAMPOS, Livia dos Santos; CUNHA, Luane Seixas Pereira. A busca pelo sentido da vida em meio a exclusão: um estudo logoterápico com pessoas em situação de rua. **Revista Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial**, v.5, n. 2, 2016

CRUZ, Antônio. A rede Justa Trama: os fios e o tecido de uma cadeia produtiva na Economia Solidária. In: MORAIS, L.; BORGES, A. (Orgs.). **Novos paradigmas de produção e consumo: experiências inovadoras.** São Paulo: Instituto Pólis, pp. 343-384, 2010.

DUBAR, Claude. **A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ESTEVES, Egeu Gómez; ANDRADA, Cris Fernández. **O que é economia solidária?** Metodologias participativas para a construção de uma educação em direitos humanos. São Paulo: Alameda, 2021.

FARIA, J. H. Autogestão, economia solidária e organização coletivista de produção associada: em direção ao rigor conceitual. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 15, n. 3, p. 629-650, 2017.

FLICK, Uwe; VON KARDORFF, Ernest; STEINKE, Ines. Was ist qualitative Forschung? Einleitung und Überblick. In: FLICK, Uwe; VON KARDORFF, Ernest; STEINKE, Ines (Orgs.). **O que é pesquisa qualitativa? Uma introdução**. Reinbek: Rowohlt, p. 13-29, 2000.

GAIGER, Luiz Inácio. Antecedentes e expressões atuais da economia solidária. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 84, p. 81-99, 2009.

GIANEZINI, Miguelangelo. O cooperativismo e seu papel no processo de desenvolvimento local: experiências no médio norte de Mato Grosso. **Economia solidária e ação cooperativa**, São Leopoldo, v. 5, n. 1, p. 37-50, 2010.

GUARESCHI, Pedro; JOVCHELOVITCH, Sandra Introdução. **Textos em representações sociais**. Ed.Vozes, Petrópolis. v. 6, p.17-25, 2000.

GUTERRES, António. **Chefe da ONU diz que direitos humanos estão sob ataque no mundo**. Março, 2020. Disponível em: <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2020/03/chefe-da-onu-diz-que-direitos-humanos-esto-sob-ataque-no-mundo.html#:~:text=Segundo%20o%20chefe%20das%20Na%C3%A7%C3%B5es,cada%20um%20e%20do%20mundo>. Acesso em: [05/12/2023].

INSTITUTO PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL DA ÁFRICA AUSTRAL – MISA. **Relatório Sobre o Estado da Liberdade de Imprensa e de Expressão em Moçambique 2018**. Maputo: MISA-Moçambique, 2019.

JUNIOR, Eduardo Brandão Lima et al. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 44, 2021.

MOMESSO, Caio. **O que é cooperativismo**, 14 abril 2021. Disponível em: [https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/15261\\_O+QUE+E+COOPERATIVISMO+PILULAS+SOLIDARIAS+6](https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/15261_O+QUE+E+COOPERATIVISMO+PILULAS+SOLIDARIAS+6).

PRADO, Joao Alderi do. CRERAL: **Uma experiência de cooperativa na eletrificação rural e a nova legislação para as cooperativas**. In: ENCONTRO DE ENERGIA NO MEIO RURAL, 4., 2002

SCHLITHLER, Ana Cristina Belizia; CERON, Mariane; GONÇALVES, Daniel Almeida. **Famílias em situação de vulnerabilidade ou risco psicossocial**. São Paulo: Unifesp, 2010. Disponível em: [https://www.unasus.unifesp.br/biblioteca\\_virtual/esf/1/modulo\\_psicossocial/Unidade\\_18.pdf](https://www.unasus.unifesp.br/biblioteca_virtual/esf/1/modulo_psicossocial/Unidade_18.pdf)

SIDI, P. de M.; CONTE, E. **A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação**. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara*, v. 12, n. 4, p. 1942–1954, 2017.

SILVA, Aline Juliana Nunes da; COSTA, Rafaela Rocha da; NASCIMENTO, Arles Monaliza Rodrigues. As implicações dos contextos de vulnerabilidade social no desenvolvimento infantojuvenil: da família à assistência social. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 14, n. 2, p. 1-17, jun. 2019.

SINGER, Paul. Economia solidária. **Estudos avançados**, v. 22, n. 62, p. 289-314, 2008.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. 1a ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SINGER, Paul. Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 7-22, 2004.

SCOTT, Juliano Beck et al. O conceito de vulnerabilidade social no âmbito da psicologia no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. **Psicologia em Revista**, v. 24, n. 2, p. 600-615, 2018.

SOUZA, André Ricardo de. Um exame da economia solidária. **Otra economía**, v. 5, n. 9, p. 173-184, 2011.

SVARTMAN, Bernardo Parodi; ESTEVES, Egeu Gomez; BARBOSA, Maira Alves; SCHMIDT, Virgínia Luz. Reflexões sobre as condições psicossociais do exercício da autogestão. In: CORTEGOSO, Ana Lucia; LUCAS, Miguel Gambelli (Orgs.). **Psicologia e economia solidária: interfaces e perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 39-52.

TRÊS, N.; MAZZIONI, S.; MAGRO, C. B. D. Sensibilidade da Sustentabilidade ao Cooperativismo e à Governança Corporativa. **Revista Contabilidade, Gestão e Governança**, v. 25, n. 2, p. 142-158, 2022.

UNILAB. 2012. Disponível em: <https://unilab.edu.br/2012/06/25/unilab-comemora-o-dia-da-independencia-de-mocambique/>. Acesso em: [05/12/2023].

VERONESE, Marília Veríssimo; ESTEVES, Egeu Gómez. Identidade e Economia Solidária: sobre o processo de construção identitária no trabalho autogestionário. In: HESPANHA, Pedro; SANTOS, Aline Mendonça dos (orgs.). **Economia Solidária: questões teóricas e epistemológicas**. Coimbra: Almedina, p. 151-167, 2011.

VERONESE, Marília Veríssimo; GUARESCHI, Pedrinho. Possibilidades solidárias e emancipatórias do trabalho: campo fértil para a prática da psicologia social crítica. **Psicologia & Sociedade**, v. 17, p. 58-69, 2005.